

CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E A PANDEMIA DA COVID-19: PERCEPÇÃO DOS FAMILIARES SOBRE A ROTINA, ASPECTOS EMOCIONAIS, COMPORTAMENTAIS E AS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

Children and adolescents with autistic spectrum disorder and the COVID-19 pandemic: Family perceptions of the routine, emotional, behavioral aspects and coping strategies

Niños y adolescentes con trastorno del espectro autista y la pandemia COVID-19: percepciones familiares sobre los aspectos rutinarios, emocionales, conductuales y estrategias de afrontamiento

Amanda Dourado Souza Akahosi Fernandes

<https://orcid.org/0000-0001-8006-8117>

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional, Programa de Pós Graduação em Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil

Gabriela Pissante Cardoso

<https://orcid.org/0000-0003-3991-5833>

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil

Gabriela Massaro Ribeiro da Silva

<https://orcid.org/0000-0002-3909-1240>

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil

Thamy Eduarda Ricci

<https://orcid.org/0000-0003-3410-8776>

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil

Resumo: Introdução: A literatura aponta que a pandemia da COVID-19 impactou severamente o cotidiano de alguns grupos sociais considerados em maior vulnerabilidade, tais como as crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista. **Objetivo:** Identificar como a pandemia da COVID-19 impactou a vida das crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista no que tange às mudanças na rotina, aspectos comportamentais e emocionais, a partir da percepção das famílias. Além disso, objetivou-se compreender quais estratégias podem ter contribuído para o enfrentamento das dificuldades vivenciadas. **Método:** Estudo exploratório, descritivo de abordagem qualitativa. Participaram 11 responsáveis por crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista, vinculados ao serviço de terapia ocupacional. A coleta de dados foi realizada por meio de um formulário de caracterização dos participantes e de uma entrevista semiestruturada. Os dados advindos do formulário foram analisados de maneira descritiva e, os dados os obtidos na entrevista, a partir da análise temática. **Resultados:** Os resultados foram apresentados em três eixos, os quais apontaram que a pandemia resultou em mudanças na rotina das crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista, tais como nas atividades escolares e terapias. Além disso, as crianças e adolescentes apresentaram alterações emocionais e comportamentais. Também foi relatado a importância do apoio de profissionais da educação e da saúde nesse período. **Conclusão:** Ressalta-se que este trabalho contribuiu para a maior compreensão das dificuldades vivenciadas no cenário pandêmico, possibilitando novas reflexões e discussões acerca das estratégias de intervenções e de políticas públicas voltadas à esta população.

Palavras-chaves: Transtorno do Espectro Autista. Infecções por Coronavírus. Criança. Adolescente.

Abstract: Introduction: The literature indicates that the COVID-19 pandemic has severely impacted the daily lives of some social groups considered to be more vulnerable, such as children and adolescents with Autism Spectrum Disorder. **Objective:** To identify how the COVID-19 pandemic impacted the lives of children and adolescents with Autism Spectrum Disorder in terms of changes in routine, behavioral and emotional aspects, based on the families' perception. Furthermore, the objective was to understand which strategies may have contributed to coping with the difficulties experienced. **Method:** Exploratory, descriptive study with a qualitative approach. Eleven people responsible for children and adolescents with Autism Spectrum Disorder, linked to the occupational therapy service, participated. Data collection was carried out using a participant characterization form and a semi-structured interview. The data from the form were analyzed descriptively and the data obtained in the interview, based on the thematic analysis. **Results:** The results were presented in three axes, which showed that the pandemic resulted in changes in the routine of children and adolescents with Autism Spectrum Disorder, such as school activities and therapies. Furthermore, children and adolescents showed emotional and behavioral changes. The importance of support from education and health professionals during this period was also reported. **Conclusion:** It is noteworthy that this work contributed to a greater understanding of the difficulties experienced in the pandemic scenario, enabling new reflections and discussions about intervention strategies and public policies aimed at this population.

Keywords: Autistic Spectrum Disorder. Coronavirus infections. Child. Adolescent.

Resumen: Introducción: La literatura indica que la pandemia de COVID-19 há impactado severamente la vida cotidiana de algunos grupos sociales considerados más vulnerables, como los niños y adolescentes con Trastorno del Espectro Autista. **Objetivo:** Identificar cómo la pandemia de COVID-19 impactó la vida de niños y adolescentes con Trastorno del Espectro Autista en términos de cambios en aspectos rutinarios, conductuales y emocionales, a partir de la percepción de las familias. Además, el objetivo era comprender qué estrategias pueden haber contribuido a afrontar las dificultades vividas. **Método:** Estudio exploratorio, descriptivo, con enfoque cualitativo. Participaron once responsables de niños y adolescentes con Trastorno del Espectro Autista, vinculados al servicio de terapia ocupacional. La recolección de datos se realizó mediante un formulario de caracterización de los participantes y una entrevista semiestruturada. Los datos del formulario fueron analizados de forma descriptiva y los datos obtenidos en la entrevista, a partir del análisis temático. **Resultados:** Los resultados se presentaron en tres ejes, los cuales mostraron que la pandemia generó cambios en la rutina de los niños y adolescentes con Trastorno del Espectro Autista, como actividades escolares y terapias. Además, los niños y adolescentes mostraron cambios emocionales y de comportamiento. También se informó la importancia del apoyo de los profesionales de la educación y la salud durante este período. **Conclusión:** Se destaca que este trabajo contribuyó para una mayor comprensión de las dificultades vividas en el escenario de pandemia, posibilitando nuevas reflexiones y discusiones sobre estrategias de intervención y políticas públicas dirigidas a esta población.

Palabras clave: Trastorno del Espectro Autista. Infecciones por coronavirus. Niño. Adolescente.

Como citar:

Fernandes, A. D. S. A.; Cardoso, G. P.; Silva, G. M. R.; Ricci, T. E. (2024). Crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista e a pandemia da COVID-19: percepções dos familiares sobre a rotina, aspectos emocionais, comportamentais e as estratégias de enfrentamento. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 8(4), 2828 – 2852. 10.47222/2526-3544.rbto60866.

Introdução

O ano de 2020 foi marcado pelo surgimento da COVID-19, de forma que todos nós tivemos que nos adaptar às mudanças exigidas devido à necessidade de controle da propagação do vírus (Organización Mundial de la Salud, 2020). Dentre elas têm-se as medidas de segurança e proteção que passaram a ser adotadas pelos governos como, por exemplo, o distanciamento social e o uso de máscaras. Visando manter o distanciamento social, por determinado período, as escolas, universidades e atividades coletivas foram suspensas (OPAS & OMS, 2020).

Tendo em vista esse cenário, no que tange especificamente ao panorama social do Brasil, é crucial reconhecer que existem grupos sociais vulneráveis (indígenas, população de baixa renda, pessoas com deficiência, crianças) que foram mais atingidos pelos efeitos da pandemia, devido à dificuldade de acesso aos serviços de saneamento básico, saúde e educação, a presença de estigmas sociais, entre outras desigualdades sociais (Farias & Leite Junior, 2020; Fiocruz, 2020).

Compondo esses grupos mais impactados, têm-se as crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Atualmente, o TEA é classificado pela 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) como um transtorno do neurodesenvolvimento, sendo seu quadro clínico caracterizado por déficits na comunicação, interação social e comportamento. Essas características podem se manifestar de diferentes formas e intensidades (APA, 2014).

Além disso, é conhecido que os indivíduos com TEA possuem dificuldades de lidar com mudanças na rotina e com a falta de previsibilidade (Machado, 2019), o que diante de um cenário pandêmico e das medidas adotadas, essas dificuldades tendem se intensificar, gerando estresse, insegurança e ansiedade. Para esse grupo, principalmente às crianças mais novas e/ou aquelas com deficiências intelectuais e sensoriais, compreender o cenário da COVID-19 e suas consequências pode ser uma tarefa difícil (Fernandes et al., 2021).

Nessa perspectiva, identifica-se na literatura estudos que têm se debruçado a investigar as especificidades do TEA no contexto da pandemia (Rodríguez & Cordero, 2020; Fernandes et al., 2021; Camargo & Fernandes, 2023).

Rodríguez & Cordero (2020) realizaram uma pesquisa de revisão bibliográfica sobre a influência das medidas de contenção da COVID-19 na vida das famílias de crianças com TEA. Os autores buscaram descrever os possíveis quadros psicológicos desenvolvidos por essa população na pandemia e, a partir disso, trazer sugestões para auxiliar essas famílias a autogerenciar recursos psicológicos, visando regular as dificuldades existentes. Nesse sentido, a pesquisa identificou que os comportamentos mais evidentes são alterações do sono, agressão, irritabilidade, além do aumento da frequência de estereotípias nessas crianças. Com base nesses achados, os autores apontam orientações sobre como gerir essa nova realidade, por meio da estruturação de uma rotina que abarque a alimentação, sono, tarefas escolares, atividades físicas, jogos/brincadeiras e utilização de imagens para explicar as novas regras sociais e de higiene. Além disso, também é sugerido o uso adequado da tecnologia, de forma a cooperar para o aprendizado escolar (Rodríguez & Cordero, 2020).

Outros estudos têm sido publicados com enfoque em estratégias que contribuam para o melhor enfrentamento das dificuldades e desafios vivenciados, principalmente por meio de orientações aos cuidadores dessas crianças e adolescentes com TEA (Fernandes et al., 2021; Sociedade Brasileira de Pediatria, 2020; Ramirez et al., 2020). Para além de ensaios reflexivos e revisão da literatura, algumas pesquisas de campo têm sido desenvolvidas, tendo como participantes as famílias e/ou as crianças e adolescentes com TEA (Di Renzo et al., 2020; Navarro et al., 2022; Neece et al., 2020).

A título de exemplo, Di Renzo et al., (2020) desenvolveram uma pesquisa com o objetivo de identificar as mudanças comportamentais que as crianças com TEA apresentaram durante o período de *lockdown* na Itália. Para tanto, foram utilizados três instrumentos padronizados - *Adaptive Behavior Assessment System-II* (ABAS-II), *ASD Behavior Inventory* (ASDBI) e o *The Short Sensory Profile* (SSP) -, aplicados com familiares de 63 crianças. Os resultados apontaram que houve um aumento de comportamentos restritos e repetitivos em cerca de 30% das crianças, além do aumento significativo na inquietação motora, distúrbios do sono e desregulação do humor. Em contrapartida, não houve mudanças relacionadas à autonomia no autocuidado.

Já os estudos de Navarro et al., (2022), realizado na Espanha, sobre o impacto da pandemia na população infantojuvenil com TEA e suas famílias, identificaram que, durante o confinamento, houve uma maior flexibilidade para a mudança de rotina no país, porém também apareceram maior nível de estresse, irritabilidade, dificuldades comportamentais, sociais e regressão em habilidades adquiridas posteriormente, além da dificuldade em se expressar e em entender as mudanças. Em relação às medidas de segurança, crianças e adolescentes apresentaram dificuldade no uso de máscara, álcool em gel e distanciamento social, tudo isso associado à falta de suporte social e serviços de ajuda.

Com base no exposto, compreende-se que houve um investimento inicial majoritariamente internacional, no desenvolvimento de pesquisas envolvendo essa temática e, mais recentemente, é que tem sido possível identificar pesquisas no contexto brasileiro.

Nessa direção, ressalta-se a importância de estudos que continuem a investigar mais profundamente essa nova realidade, uma vez que ainda hoje impacta a vida e a saúde das pessoas em diferentes níveis, de forma a colaborar para uma maior compreensão dos desafios advindos de uma das maiores crises sanitárias mundiais. Investir em estudos que dimensionem as especificidades do TEA poderão favorecer, não só compreensão de uma realidade nova e emergente que está sendo reinventada dia após dia, mas também, contribuir para novas reflexões e discussões acerca das estratégias de intervenção e políticas públicas voltadas a esse segmento.

O objetivo do presente estudo foi identificar como a pandemia da COVID-19 impactou a vida das crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no que tange às mudanças na rotina, aspectos comportamentais e emocionais, a partir da percepção das famílias. Além disso, objetivou-se compreender quais estratégias podem ter contribuído para o enfrentamento das dificuldades vivenciadas.

Método

Esse estudo caracteriza-se como exploratório, descritivo, de abordagem qualiquantitativa, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos sob número. 4.150.779. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual foi encaminhado via *Google Forms*, seguindo as recomendações éticas para pesquisas em ambientes virtuais.

Participaram 11 responsáveis por crianças e adolescentes com TEA vinculados ao setor de terapia ocupacional de um ambulatório de média complexidade. Sobre os critérios de inclusão, as crianças e/ou adolescentes tinham que ter idade entre 3 e 18 anos no momento da coleta de dados e já ter recebido o diagnóstico de TEA. De início, foram identificados 19 possíveis participantes para a pesquisa, porém, após os convites serem disparados, 11 aceitaram participar. Destes, apenas 1 é do sexo masculino e, no que tange a idade, a maioria (7), tem mais de 40 anos, sendo o responsável do sexo masculino o mais velho, com 53 anos, e a responsável mais nova com 26 anos. Quanto à composição familiar, 5 relataram morar em 4 pessoas na casa, sendo a composição mais comum formada por mãe, pai, filho e irmão. No quesito trabalho, apenas 2 relataram ter a renda da família proveniente da aposentadoria; a maioria das famílias (6) contam com 2 pessoas trabalhando na casa, sendo que 7 das 11 famílias contam com uma renda familiar menor que 4 salários mínimos.

Sobre a caracterização das crianças e adolescentes, 9 são do sexo masculino e 2 são do sexo feminino; a idade variou entre 4 e 16 anos, sendo apenas um adolescente. Em relação ao diagnóstico, a maioria (7) foram diagnosticados até os três anos, sendo que o mais novo tinha um ano e meio e, a mais velha, sete anos. No quesito medicação, ambas as meninas faziam uso de antipsicótico ativo e o adolescente fazia uso de antidepressivo. Todos estavam matriculados e frequentavam a escola regular e apenas uma criança recebia algum benefício social (Benefício de Prestação Continuada - BPC e Bolsa Família).

O estudo foi desenvolvido de modo *online* e presencial. As entrevistas remotas aconteceram através do aplicativo *Google Meet* e, as presenciais, aconteceram no próprio ambulatório ao qual as crianças e adolescentes estavam vinculados. Aponta-se que o ambulatório é caracterizado como uma Unidade Acadêmica Multidisciplinar que visa formar pessoas através da interprofissionalidade em saúde, com foco na humanização e na integralidade do cuidado, pautada na tríade ensino, pesquisa e extensão.

Para coleta de dados, foi utilizado um formulário de caracterização dos participantes, com 16 questões, e uma entrevista semiestruturada. Esta continha 10 questões que abordavam aspectos relacionados ao cotidiano das crianças e adolescentes com TEA na pandemia, potenciais, dificuldades e desafios vivenciados, aspectos clínicos e estratégias de enfrentamento adotadas.

Como procedimento adotado, os dois instrumentos foram construídos pelas pesquisadoras e, posteriormente, passaram por validação externa de 3 juízes especialistas na área. Os juízes analisaram desde a estrutura até o conteúdo, pertinência e coesão e, a partir disso, as sugestões e correções apontadas foram devidamente analisadas e acatadas. Além da análise dos instrumentos por juízes especialistas da área, realizou-se uma aplicação piloto (Manzini, 2003).

Quanto à coleta de dados, seja remota ou presencial, foi feito o agendamento prévio junto aos participantes, visando identificar o melhor dia e horário para aplicação dos instrumentos. Aponta-se que todo o procedimento de coleta ocorreu durante os meses de novembro de 2022 a fevereiro de 2023 e cada encontro teve duração de, em média, 30 minutos.

Para análise de dados advindos do formulário de caracterização do participante, utilizou-se a análise descritiva de dados. Já em relação aos dados advindos da entrevista foi utilizado a técnica de Análise Temática, uma das técnicas contidas na Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011, 2008).

Desta forma, as entrevistas gravadas foram transcritas e realizada a leitura exaustiva das transcrições como forma de apreender seu conteúdo e identificar os temas ou núcleos de sentido. De posse dos temas (mudanças de rotina, quadro clínico, escola, família, terapias e rede de suporte), estes foram agregados dando origem às categorias temáticas. Observa-se que o tema, muitas vezes, é utilizado como unidade de registro, com a finalidade de investigar aspectos que motivam crenças, valores, opiniões, tendências, dentre outros (BARDIN, 2008). Para este estudo serão apresentadas duas categorias temáticas identificadas - Impactos da pandemia em crianças e adolescentes com TEA e suas famílias e Estratégias adotadas pela família para enfrentamento das dificuldades vivenciadas.

Resultados e discussão

A seguir serão apresentadas as duas categorias temáticas encontradas após a análise dos dados advindos da entrevista.

I - Impactos da pandemia em crianças e adolescentes com TEA e suas famílias.

II - Estratégias adotadas pela família para enfrentamento das dificuldades vivenciadas.

I - Impactos da pandemia em crianças e adolescentes com TEA e suas famílias

Mudanças na rotina

A COVID-19 e as medidas adotadas resultaram em significativas mudanças na rotina de toda a população, seja por suspensão temporária das atividades, visando o distanciamento social, ou pela determinação de novos hábitos, tais como os de higiene e uso de máscaras.

Diante disso, os participantes relataram sobre como a mudança de rotina levou a uma ruptura com as obrigações diárias, como a escola e as terapias, bem como com as atividades de lazer, recreação e interação com amigos e membros da família.

(...) ele queria continuar a rotina (...), ele era obrigado a ficar trancado dentro de casa sem sair nem pra rua pra brincar; não podia ir na casa do... ele tem dois coleguinhas, dois amigos, então, esses dois amigos não podia vir na casa dele, ele não podia ir na casa dos meninos, aí eles conversavam pelo... pelo celular, mas ele queria ir lá, porque ele não queria entender que não podia ter contato físico, não podia ir na casa. Não foi fácil não, foi difícil. - P3

Olha, acho que o M. tem muito impacto assim quando muda a rotina dele, sabe? Ele é bem rígido com a rotina, mas eu acredito que o maior impacto mesmo foi assim o fato de não poder sair mais de casa, de não ter mais aquelas atividades, de... de repente ter a mãe como professora e a mãe não saber explicar direito, foi bem complicado, bem complicado (risada) - P4

Uma das principais mudanças na rotina das crianças e adolescentes durante o período de pandemia foi o encerramento das aulas presenciais e o início das atividades de modo remoto. Muitos pais lamentaram tal ocorrido, uma vez que as crianças que estavam começando o processo de alfabetização tiveram um atraso devido à necessidade da interrupção das aulas e, para além disso, os responsáveis relataram que a escola presencial é um ótimo espaço de interação e desenvolvimento para os filhos. Todavia, uma vez que necessário, alguns responsáveis relataram que as aulas de modo *online* foram eficientes para manter o filho conectado à escola e seus deveres, ajudando na manutenção do cotidiano.

(...), atividade escolar né, a rotina da escola, é... de você estar com outras crianças né, aquele conjunto todo da escola né, tem as regras, os horários, né, a convivência com as outras crianças, acho que isso foi uma das coisas que...que ele perdeu, né, é, (...), essa questão da alfabetização.
- P6

(...), a professora dele em 2021 daí, ela dava aula online de segunda a quinta, (...), ela ficava uma hora, uma hora e meia com as crianças, no online, e isso ajudou muito na independência dele - P2

Foi a partir do encerramento das aulas presenciais que se percebeu grande falta do convívio, das interações sociais e da participação em um coletivo, e é nessa ausência que se reconhece o papel fundamental que a escola desempenha na formação humana (Sousa & Dainez, 2020).

Com as aulas *online*, criou-se a possibilidade da continuidade dos estudos, porém, a Fiocruz (2020) alerta que estar presente nas aulas, assistir aulas gravadas e realizar tarefas se tornaram não só demanda dos alunos como também dos pais, uma vez que estes auxiliam seus filhos nestas atividades na maior parte das vezes. Ademais, surgem ressalvas quanto a efetividade desta forma de ensinar e aprender, uma vez que devido a questões socioeconômicas, muitas crianças podem não ter acesso à tecnologias necessárias para este processo, além deste fator, algumas alternativas propostas pela instituição escolar podem representar barreiras às crianças com deficiência, trazendo uma sobrecarga extra aos pais que, além de auxiliar nas tarefas, precisam pensar e criar soluções de acessibilidade e adaptações necessárias para que a criança possa acompanhar os colegas de turma (Fiocruz, 2020).

Para além, a pesquisa de Vier et al., (2020), aponta que os principais desafios para a inclusão dos alunos com TEA no ambiente de aulas virtuais estão concentradas na dificuldade dos professores em utilizar as novas ferramentas digitais, na falta de mediação do professor na aprendizagem do aluno de modo presencial, na dificuldade da família em conseguir se adaptar à nova rotina e na falta de interesse dos alunos em acompanhar as aulas de modo *online*.

Nessa direção, temos que muitas crianças começaram a demonstrar desinteresse em comparecer às aulas remotas, levando a dificuldades de acompanhar as matérias e, conseqüentemente, podendo levar a um "atraso no aprendizado", uma vez que o desempenho não foi o mesmo quando comparado às aulas presenciais. Infelizmente, alguns responsáveis relataram que não tiveram muito apoio de professores durante esse período, expressando o fato de que alguns educadores tratam e cobram crianças atípicas do mesmo modo como as típicas, não levando tanto em consideração as singularidades de cada caso. Além disso, devido às altas demandas, algumas crianças não puderam ter o apoio e acompanhamento de um professor da Educação Especial, tornando mais difícil conseguir lidar com as dificuldades escolares.

(...), não tinha aula, depois começou a ter aula online né, mas ele não se interessou, ele não queria assistir, então eu praticamente era obrigado a assistir a aula com ele, entendeu? Não foi fácil não viu. - P3

(...), tentei buscar apoio da escola nessa questão do aprendizado, não tive muito, tanto que depois eu até troquei ele de escola (risada), é, porque a escola não entendia que ele tinha as limitações... ele ficava bastante nervoso, porque tinha bastante tarefa diferente assim, então foi bem desafiador. - P4

Dentro da sala de aula é fundamental que o professor conheça e entenda as características do aluno, aqui falando especialmente sobre as crianças com TEA, para que, desse modo, a educação seja de fato inclusiva, ademais, devido a pandemia e as recomendações do distanciamento social, se faz necessárias ações e reflexões que visem contribuir a participação efetiva dos alunos, minimizando comportamentos que acentuam a exclusão (Vier et al., 2020).

Betti et al., (2023) apresentam resultados semelhantes, constatando que o papel ocupacional de estudante não foi desempenhado de modo integral, uma vez que houve a redução do contato com os pares, educadores e a restrição em participar de atividades dentro do ambiente escolar. Interessante perceber que, mesmo com a falta do contato presencial entre professores e alunos, a pesquisa mostra que os professores foram identificados como a principal fonte de informação aos pais sobre o desenvolvimento das crianças durante o período do isolamento, desse modo, tal fato reforça a importância do reconhecimento do papel do professor enquanto figura de referência para as crianças e suas famílias (Betti et al., 2023).

Para além da escola, os responsáveis discorreram sobre as terapias. Devido a pandemia, muitos atendimentos pausaram suas atividades, deixando crianças desassistidas e, para aquelas famílias que estavam no processo de busca por um diagnóstico definitivo, houve a interrupção do processo por um período de tempo.

Para que as crianças/adolescentes e suas famílias não ficassem completamente desamparados, durante o período de isolamento, entre 2020 e início de 2022, as ações da Terapia Ocupacional no ambulatório em que a atual pesquisa foi realizada foram moldadas para o formato *online*. Assim, mesmo com a não adesão de algumas famílias, vários responsáveis relataram a importância de tal ação para com seus filhos, pois através de jogos, brincadeiras e ajudas em pequenas atividades do dia a dia, as crianças/adolescentes passaram a ter maior atenção e acolhimento nesse momento tão atípico. Após a flexibilização das medidas de segurança e com a volta de algumas atividades presenciais, muitos responsáveis ainda optaram por não retornar às terapias de imediato, devido ao medo e o receio do contágio pelo vírus.

De acordo com os participantes, seja de modo virtual ou presencial, foram expressadas a importância dos terapeutas ocupacionais, psicólogos, fonoaudiólogos, médicos e todos os profissionais que, de um jeito ou de outro, tiveram participação significativa nos cotidianos interrompidos, desenvolvendo habilidades e trazendo maior amparo à criança e, conseqüentemente, à família. Desse modo, houve a diminuição de alguns comportamentos e prejuízos no desenvolvimento das crianças e, por consequência, a retomada às outras atividades presenciais se tornaram mais leves.

(...), tinha apoio na parte psicológica, da fono, da professora especial, da pedagoga, da psicopedagoga, então foi um momento que ele tava bem amparado assim, por tudo, (...). Então quando voltou mesmo presencial, teve todo esse apoio, que teve tudo, (...), aí o P. fluiu. Foi bom pro P., foi bom pra gente, foi bom pra tudo mesmo. - P8

A pesquisa de Coelho-Medeiros et al., (2022), aponta que, das ajudas que os pais mais gostaram de receber durante o momento de pandemia, a terapia ocupacional foi a mais mencionada, seguida de psicologia infantil, fonoaudiologia e psicologia para os pais, buscando, principalmente, apoio para lidar com o manejo dos comportamentos e a implementação de rotina. Assim, tendo como base outras pesquisas da área, as autoras apontam que a ação *online* da terapia ocupacional durante este momento, tendo por foco a orientação aos cuidadores, pode ser uma ferramenta de grande eficácia para lidar com dificuldades comportamentais das crianças e na melhoria do funcionamento familiar (Coelho-Medeiros et al., 2022).

Como exposto, as intervenções *online* ganharam destaque durante a pandemia, sendo necessário olhar para este cenário a partir da perspectiva socioeconômica de muitas famílias brasileiras, uma vez que, infelizmente, nem todas têm condições de arcar com tecnologias que favoreçam atendimentos remotos de modo efetivo. A partir deste cenário, é possível concluir que teleatendimentos podem ser de grande ajuda a algumas famílias, como foi o caso dos entrevistados para esta pesquisa, porém podem representar um desafio para pessoas sem acesso à *internet* e/ou equipamentos necessários. Ressalta-se que o desafio também atingiu os profissionais da área da saúde, que tiveram que se adaptar de modo rápido, tendo pouco tempo para se prepararem e aprenderem técnicas para lidar com o público de modo virtual (Fernandes et al., 2021; Givigi et al., 2021).

Identifica-se, a partir dos expostos acima, que devido às mudanças ocorridas na rotina, diversas questões, tais como comportamentais e emocionais, começaram a se evidenciar nas crianças e adolescentes.

Alterações emocionais e comportamentais

Os responsáveis relataram que a pandemia implicou em alterações emocionais como, por exemplo, na necessidade de as crianças ficarem próximas aos seus pais, demandando maior necessidade de acolhimento e atenção. Ademais, muitos responsáveis apontaram o aumento da ansiedade dos filhos, bem como maior irritabilidade e raiva.

(...), teve bastante ansiedade, ficou muito agitado, é... mais carente assim, sabe? De querer ficar muito, assim, muito perto, o tempo todo, sabe? Se sentir inseguro, (...). Foi bem desafiador assim, questão assim, o emocional mesmo, sabe? Ele ficava muito nervoso, então chorava, ficava muita, com muita raiva, sabe assim? - P4

(...), ela ficou um pouco mais irritada, realmente isso, a irritação dela piorou, (...), então a gente fazia muito o que ela... assim... dava o que ela queria, né, pra num deixar ela tanto estressada, porque se ela se estressava aí ela, ela ficava o dia, passava a noite chorando, então é difícil, (...)
- P7

Outro impacto e/ou mudança relatado pelos participantes foi em relação ao comportamento das crianças e adolescentes, em relação a agitação constante e o aumento das estereotipias motoras e dificuldade de dormir sem a ajuda de medicações.

(...), no meio dessa pandemia, que eu me lembre assim, ela tinha muito balançar dela sabe, muito balangar, (...), a falta de sono dela ela piorou também porque acho que é muito tempo no mesmo lugar né, então acho que deve... isso daí piorou bastante mesmo, ela ficou muito mais irritada, (...) - P7

(...), alguns comportamentos que assim, (...), é, (...), não é tique o nome... as estereotípias, sim, então falar assim, algumas coisas assim que, que não tem né, fundamento, palavras sem sentido, (...), agitação, sabe? os trímilique, o nervoso, ele é extremamente nervoso, sabe? - P4

Coelho-Medeiros et al., (2022) realizaram um estudo com 118 participantes, que teve como objetivo explorar as percepções de pais de crianças com TEA durante o confinamento da pandemia no Chile. Os resultados apontaram dificuldades cotidianas básicas que refletiram diretamente na hetero e auto agressividade da criança/adolescente, na ansiedade, frustração, impulsividade, irritabilidade, medo, labilidade emocional e preocupação. Na mesma direção, a pesquisa de Liz et al., (2022), tendo como foco a percepção de 126 cuidadores de pessoas com TEA no México, identificaram que, em relação aos comportamentos internalizados pelas crianças, a ansiedade e o retraimento foram os mais frequentes.

No Brasil, a pesquisa de Betti et al., (2023), realizada com 330 responsáveis de crianças, com ou sem TEA, também encontraram que as principais mudanças relacionadas às emoções e comportamento foram a ansiedade, seguida por dificuldade em esperar por algo, maior agitação, dificuldade em lidar com frustrações, dificuldade em aceitar regras e limites, birra, medo e, por fim, dificuldade em se acalmar. Também no Brasil, a pesquisa de Givigi et al., (2021), realizada com 322 responsáveis de crianças com TEA sinaliza que, na maior parte das famílias, as crianças ficavam incomodadas em permanecer em casa, pedindo para sair e, em relação ao comportamento, mais da metade dos participantes alegaram que as mudanças comportamentais foram negativas.

Por outro lado, para além das mudanças comportamentais e emocionais identificadas, pesquisas têm apontado que a pandemia foi um momento de maior aproximação entre pais e filhos, propiciando que os responsáveis tivessem um olhar mais atencioso à gestão dos sentimentos das crianças, fazendo-os se perceberem como facilitadores no cuidado emocional de seus filhos (Coelho-Medeiros et al., 2022). Desse modo, compreende-se que, juntando as características clínicas do quadro do TEA com a fragilidade do momento de pandemia, as emoções se tornam mais intensas, fazendo com que muitas crianças, ao não saber como se expressar com palavras, acabam demonstrando seus sentimentos em forma de ação. Assim, a proximidade com pessoas de confiança, como os pais, se torna forma de acalento, trazendo calma em momentos de maior ansiedade.

II - Estratégias adotadas pela família para enfrentamento das dificuldades vivenciadas.

Os responsáveis, ao longo da entrevista, relataram estratégias que foram usadas ao longo da pandemia, a fim de ajudar no desenvolvimento da criança, bem como no seu bem estar e lazer, levando em consideração a realidade socioeconômica, as demandas e necessidades de cada família.

Primeiramente, ter uma rede de apoio foi algo citado nas entrevistas como sendo de grande importância. Ter alguém de confiança para ajudar na manutenção da casa, com as atividades dos filhos, entre outras necessidades traz certo alívio, mas para além disso, ter a oportunidade de conviver, pelo menos um

pouco, com pessoas que gosta, a qual se pode ao menos conversar sem medo de julgamentos, é necessário para a manutenção do bem-estar mental, tanto do adulto quanto da criança.

Eu acho que a melhor forma mesmo é tentar, é, (...), resolver os conflitos assim, com conversa, procurar apoio, sabe assim? Às vezes outras mães que passam por isso, por exemplo, tenho um grupo no *facebook* que acompanho de crianças autistas, então assim, todo mundo de longe se abraçando, foi muito difícil pra todas nós, bastante desafio e, eu trabalho no hospital também né, então vi a pandemia de pertinho, sei o quão assustadora ela foi, teve muito impacto assim prejudicou bastante as crianças, imagino que todas né, mas, principalmente as mães que têm filhos especiais, como se adaptar, ensinar da melhor forma né, então, é... eu espero que não volte essa pandemia, sei que ela tá batendo de novo mas espero que ela não volte como antes, (...) - P4

Indo de encontro ao relato, Betti et al., (2023), relatam que as principais fontes de apoio encontradas pelas famílias no momento de pandemia foram, primeiramente, seus próprios familiares, seguido de amigos e de profissionais, assim como perfis profissionais em redes sociais e *sites*. A participação em grupos virtuais se mostrou uma experiência bastante positiva, pois, para Andrade et al., (2020), ter a oportunidade de falar e ouvir as experiências de ter uma criança autista em casa durante a pandemia pode contribuir para tornar a rotina mais leve. As redes sociais se tornaram um importante instrumento de informação e socialização.

A fala de P4, ao citar um grupo de mães, chama a atenção para o papel atribuído às mães como cuidadoras principais dos filhos autistas. Em uma estrutura social embasada em gênero, as mulheres ainda são identificadas como únicas responsáveis pelos cuidados com os filhos, o que não acontece em relação à paternidade, vista, muitas vezes, como apenas uma rede de apoio (Zanello, 2020). É importante ressaltar que, além das questões patriarcais às quais estão submetidas todas as mulheres, há ainda uma cobrança social sobre a maternagem ideal de uma criança autista (Filgueira & Brilhante, 2021). Andrade et al., (2020) ainda pontuam que essa idealização da maternidade causa bastante sofrimento e, quando se tratam de crianças autistas, esse sofrimento pode ser potencializado, pois envolvem diversos fatores, tais como preconceitos e distanciamento presencial da rede de apoio.

Além das redes de apoio, traçar regras e rotinas para a família foi relatado como algo fundamental, uma vez que as crianças ficam mais adaptadas, conseguem se organizar melhor e, dessa forma, se tornam menos ansiosas e impacientes, conseguindo lidar com suas tarefas e atividades de um modo mais autônomo e eficaz.

A estratégia minha foi que eu... eu tentei traçar uma rotina pra ele, entendeu? Rotina, é... porque ele tinha que assistir aula online, então eu tentei manter o máximo possível não mudar muito, entendeu? (...), quando ele tem a rotina, pra ele é bom, entendeu? De manter aquela rotina, se você modificar aquilo lá já atrapalha tudo - P3

(...), aí, eu falei com o meu marido, falei "vamos fazer assim, de manhã ninguém faz nada, não pode brincar, não pode fazer nada, enquanto não acabar tudo, acabar aula online, não acabar tarefa, depois né" aí melhorou muito, depois que a gente fez isso, porque aí eles tinham a tarde livre, nós também, eles podiam brincar, podiam ir lá na casa dos meus pais, e, (...), melhorou bastante, mas até então, foi bem estressante. - P6

Desse modo, é possível identificar que uma rotina organizada prevê uma maior previsibilidade das atividades cotidianas da criança, assim a falta de uma rotina minimamente estruturada gera uma desorganização, causando maior desconforto e podendo contribuir para a intensificação de alguns

sentimentos e, conseqüentemente, comportamentos negativos (Fernandes et al., 2021; Sousa, et al., 2020; Souza & Moraes, 2022). Assim, durante a pandemia, se fez importante construir uma nova rotina o mais próximo possível da rotina em que se estava habituado, sendo essa uma estratégia protetiva contra sintomas ansiosos e estressantes, assim, é possível ter um cotidiano mais tranquilo para a criança e para a família (Fiocruz, 2020).

Nesse sentido, Betti et al., (2023) afirmam que rotinas mais estruturadas, como manutenção de horários de sono, refeições e aulas se mostraram fundamentais por auxiliarem no processo de aquisição e refinamento de habilidades. É importante lembrar que uma rotina estruturada não significa que ela seja esvaziada de significado, mas uma sincronia das rotinas familiares, evitando ao máximo maiores impactos negativos. Considerando as diferentes realidades sociais e familiares, a criação/manutenção de uma rotina não visa sobrecarregar os pais, impondo-lhes mais atividades a serem feitas, e sim trazer estratégias que possam ajudar na manutenção do dia a dia, minimizando pequenas dificuldades, assim, faz-se necessário contextualizar as especificidades da família, para que as pequenas intervenções realizadas possam trazer maior organização emocional (Fernandes et al., 2021; Laboratório de Terapia Ocupacional e Saúde Mental, 2020)

Outro ponto emergente foi o desafio atrelado à necessidade de explicar à criança/adolescente sobre as mudanças sociais que estavam ocorrendo devido a COVID-19. Neste cenário de dúvidas, os pais também relataram que ouvir, acolher e conversar sobre os sentimentos das crianças e adolescentes também é ponto fundamental, principalmente no momento da pandemia onde tantas coisas eram abstratas, sendo assim, conseguir explicar sobre a situação de modo claro e empático se faz necessário.

Além disso, antecipar ações sobre o futuro também se mostrou eficiente como, por exemplo, conversar e explicar sobre o que vai acontecer e que irá demandar certa organização por parte da criança, permitindo que ela se planeje com antecedência e não seja "pega de surpresa".

Sendo assim, a Fiocruz (2020), alerta sobre a importância de explicar à criança, de uma forma compreensível e honesta, sobre tais mudanças, abrindo um espaço para dar orientações, tirar dúvidas, e permitir que elas se expressem, estando os responsáveis disponíveis para perceber, validar e acolher seus sentimentos e emoções.

Ademais, durante as entrevistas, foi possível perceber que nos quesitos distração, entretenimento e estudos, o aumento do uso de telas foi algo recorrente durante a pandemia, onde devido à necessidade de acompanhar as aulas *online* e ao maior tempo livre, tal recurso se tornou bastante presente. Os responsáveis relatam sobre os malefícios de ficar muito tempo frente às telas, mas, devido à grande sobrecarga dos responsáveis e todo o contexto atípico, acabaram flexibilizando o uso das tecnologias, garantindo um tempo o qual os pais poderiam dar conta de tantas outras demandas pessoais.

(...), eu tava com as 4 crianças né, então assim, eu tinha muita dificuldade de... é... engajar uma atividade com os 4, né, então assim "aí, vamos brincar agora de esconde-esconde", dava 5 minutos eles não queriam mais... sabe? Então assim, tinha vezes que eu tava muito cansada então tá, fica aí com, com o tablete e deixa eu descansar um pouco (...) - P2

Pesquisas vêm apontando que durante este cenário atípico, várias crianças e adolescentes passaram mais tempo frente às telas, mostrando-se um desafio o uso destes eletrônicos dentro do limite estipulado

(Givigi et al., 2021; Coelho-Medeiros et al., 2022; Betti et al., 2023). O uso excessivo de telas durante a pandemia também foi apontado por Betti et al., (2023) como uma problemática pelas autoras, embora os eletrônicos também foram entendidos como estratégias para lidar com as dificuldades impostas pela pandemia. Considerando este cenário inabitual, vê-se a necessidade da flexibilização de seu uso, porém sempre estando alerta ao tempo despendido nas atividades que envolvem as telas - seguindo as recomendações de acordo com a idade - bem como nos conteúdos que são consumidos pelas crianças e adolescentes (Fiocruz, 2020).

Arelado ao fato do uso de telas, muitos responsáveis também relataram a importância de realizar brincadeiras diversas, seja dentro ou fora de casa, ajudando na distração, lazer e exploração da criatividade da criança, bem como para ajudar em questões educacionais que foram enfraquecidas devido as aulas não presenciais. Essa nova realidade fez com que as famílias se reinventassem no dia a dia, lançando mão de recursos lúdicos para minimizar o sofrimento das crianças em casa (Andrade et al., 2020). Portanto, vários responsáveis relataram que tentavam sempre inventar atividades, brincadeiras, jogos educativos e pedagógicos para fazer com a criança e, quando possível, os pais também planejavam passeios de carro à lugares isolados, para que pudessem ver lugares diferentes e brincar ao ar livre, mudando um pouco a atmosfera domiciliar e podendo levar à consequente diminuição do tempo frente às telas.

(...), aí, eu fui inventando outras coisas, assim, é, como a gente não podia ir em lugares fechados, assim né, lugar que tinha gente, a gente pegava o carro e ia andar pro meio do mato, caminhos de terra, (...), então eu procurava diversificar, (...) - P9

(...), ela mexia muito com água, brincar, ficava muito no chuveiro, foi o que ela foi... tendo assim, dia a dia, praticamente foi isso que ela fez, assim, brincar lá com minhas panelas, com água, com comida...quando ela tava realmente tão irritada eu levava ela no parquinho, (...) - P7

Tais estratégias também foram citadas por Fernandes et al., (2021), trazendo como dica que famílias saíssem de casa com as crianças para locais abertos e em horários menos movimentados, permitindo-as caminhar ao ar livre e explorar locais diversos para além do contexto domiciliar. Crianças precisam se movimentar, desse modo, é importante que elas engajem em atividades e brincadeiras que usem o corpo, e também se faz possível diversificar as possibilidades, incentivando as crianças na participação em outras brincadeiras mais calmas, tais como jogos, contação de histórias e desenhar, tudo isso pensando que o momento de lazer e descanso são tão importantes quanto outras atividades (Fiocruz, 2020).

Considerações finais

Compreende-se que o presente estudo alcançou seus objetivos, uma vez que foi possível identificar que a pandemia trouxe importantes implicações para a rotina das crianças e adolescentes com TEA. Por mais que algumas crianças tenham tido uma boa adaptabilidade neste período, mudanças nos aspectos comportamentais e emocionais foram mencionadas. Devido às medidas de segurança adotadas, foi relatado a importância do apoio de profissionais da área da educação e da saúde para o melhor bem estar da criança/adolescente no período de isolamento e também no retorno às atividades presenciais.

Os responsáveis também relataram algumas estratégias adotadas para o enfrentamento da pandemia e o retorno às atividades presenciais: ter uma rede de apoio; traçar uma rotina para a criança e família; ouvir e acolher os sentimentos do filho e diversificar as atividades e brincadeiras.

Destaca-se também sobre a delicadeza que é fazer pesquisa em um contexto de tantas transformações e dificuldades, tal como o cenário da pandemia da Covid-19, de forma que a pesquisadora se deparou com falas sensíveis, sofrimento, angústias dos participantes, sendo necessário acolher as emoções e sentimentos relatados durante a coleta de dados.

Como limite da pesquisa, destaca-se o baixo número de participantes, de forma que uma amostra maior poderia contribuir com outros pontos de vista acerca das situações enfrentadas e/ou outras possíveis estratégias utilizadas.

Ressalta-se que este trabalho contribuiu para a maior compreensão das dificuldades vivenciadas pelas crianças/adolescentes e seus responsáveis no cenário pandêmico, possibilitando novas reflexões e discussões acerca das estratégias de intervenções e de políticas públicas voltadas à esta população.

Referências

- American Psychiatry Association - APA. (2014). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders* (5. ed.). [https://repository.poltekkes-kaltim.ac.id/657/1/Diagnostic%20and%20statistical%20manual%20of%20mental%20disorders%20_%20DSM-5%20\(%20PDFDrive.com%20\).pdf](https://repository.poltekkes-kaltim.ac.id/657/1/Diagnostic%20and%20statistical%20manual%20of%20mental%20disorders%20_%20DSM-5%20(%20PDFDrive.com%20).pdf).
- Andrade, J. L. V. et al. (2020). "Água de Chocalho" em Rede: Roda de Conversa Online Com Famílias de Crianças Autistas Durante A Pandemia de COVID-19. *Expressa Extensão*, 26(1), 429-437. <https://doi.org/10.15210/ee.v26i1.19661>
- Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. 5. ed. Lisboa: Edições 70.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Betti, A. C. M. et al. (2023). Percepção de mães sobre as ocupações infantis durante o período de distanciamento social em razão da pandemia de COVID-19. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 31(3148). DOI: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO249031481>
- Camargo, A. P., & Fernandes, A. D. S. A. (2023). A vivência cotidiana das crianças durante a pandemia da Covid-19. *Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional*, 31, e3581. DOI: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO275135811>
- Coelho-Medeiros, M. E. et al. (2022). Impacto del confinamiento en pandemia COVID-19 en la conducta de niños, niñas y adolescentes con trastorno del espectro autista. *Andes pediátr*, 93(6), 832-840. DOI: 10.32641/andespediatr.v93i6.4095.
- Di Renzo, M. et al. (2020). Parent-Reported Behavioural Changes in Children With Autism Spectrum Disorder During the COVID-19 Lockdown in Italy. *Continuity in Education*, 1(1), 117-125. DOI: <https://doi.org/10.5334/cie.20>.
- Farias, M. N., & Leite Junior, J. D. (2020). Vulnerabilidade social e Covid-19: considerações a partir da terapia ocupacional social. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. Publicação Eletrônica Antecipada. <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/494/626>.
- Fernandes, A. D. S. A. et al. (2021). Desafios cotidianos e possibilidades de cuidado às crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) frente à COVID-19. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, Publicação Eletrônica Antecipada. <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/955/1348>.

Filgueira, L. M. de A., & Brilhante, A. V. M. (2021). Mother's Perception of Autistic Children on Isolation Motivated by the Pandemic of Covid-19. *New Trends in Qualitative Research*, 8, 514–520. <https://doi.org/10.36367/ntqr.8.2021.514-520>

Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz. (2020). Saúde Mental e Atenção Psicossocial na pandemia COVID-19. Crianças na pandemia COVID-19. https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/41713/crianc%CC%A7as_pandemia.pdf?sequence=2&isAllowed=y.

Givigi, R. C. N. et al. (2021). Efeitos do isolamento na pandemia por COVID-19 no comportamento de crianças e adolescentes com autismo. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, 24(3) 618-640. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n3p618.8>.

Laboratório de Terapia Ocupacional e Saúde Mental – LaFollia. (2020). Orientações às famílias de crianças e adolescentes com autismo. <https://www.informasus.ufscar.br/wp-content/uploads/2020/04/Orienta%C3%A7%C3%B5es-%C3%A0s-fam%C3%ADlias-de-crian%C3%A7as-e-adolescentes-com-autismo-em-tempos-decoronav%C3%ADrus.pdf>

Liz, G. P. et al. (2022). Repercussions of the COVID-19 lockdown for autistic people in Mexico: The caregivers' perspective. *Salud Mental*, 45(4). DOI: <https://doi.org/10.17711/SM.0185-3325.2022.022>

Machado, G. D. S. (2019). A importância da rotina para crianças autistas na educação básica. *Revista Gepesvida*, 1(9), 100-114. Disponível em: <https://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida/article/view/337/171>.

Manzini, E. J. (2003). Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada. In Marquezine, M. C., Almeida, M. A., & Omote, S. (Orgs.) *Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial* (pp. 11- 25). Eduel. https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Consideracoes_sobre_a_elaboracao_do_roteiro.pdf.

Navarro, I. P. et al. (2022). El Impacto de la Pandemia por COVID-19 en Población Infanto-juvenil española con Trastorno del Espectro Autista y en su familia. *Revista de Psicología Clínica con Niños y Adolescentes*, 9(1), 72-81. DOI:10.21134/rpcna.2022.09.1.8

Neece, C. et al. (2020). Examining the impact of COVID- 19 in ethnically diverse families with young children with intellectual and developmental disabilities. *Journal of Intellectual Disability Research*, 64(10), 739-749. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7461180/pdf/JIR-9999-na.pdf>.

Organização Pan-Americana de Saúde - OPAS & Organização Mundial da Saúde - OMS. (2020). Folha informativa-Covid-19 (doença causada pelo novo coronavírus). <https://www.paho.org/pt/covid19>.

Organización Mundial de la Salud - OMS. (2020). Brote de enfermedad por coronavirus (COVID-19). <https://www.who.int/es/emergencias/diseases/novel-coronavirus-2019>.

Ramírez L. E. et al. (2020). Trastorno del espectro autista: pautas para el manejo durante el período de aislamiento social por el coronavirus (COVID-19). *Cuadernos de Neuropsicología/Panamerican Journal of Neuropsychology*, 14(1), 35 - 41. DOI:10.7714/CNPS/14.1.205.

Rodriguez, I. D. C., & Cordero, A. R. (2020). Repercusión psicológica en niños con Trastorno del espectro autista durante el confinamiento por COVID-19. *Multimed*, 24(3), 690- 707. <http://www.revmultimed.sld.cu/index.php/mtm/article/view/1978/1982>.

Sociedade Brasileira de Pediatria - SBP. (2020). COVID-19 e o Transtorno do Espectro Autista. https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22455c-NA_-_COVID-19_e_Transtorno_do_Espectro_Autista__1_.pdf.

Sousa, D. L. S. et al. (2020). Desafios explicitados por famílias de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) durante a pandemia de COVID-19. In *Anais VII CONEDU - Edição Online* (pp 1 - 6). Campina Grande. Realize Editora. <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/68299>.

Sousa, F. F. de., & Dainez, D. (2020). Educação Especial e Inclusiva em tempos de pandemia: o lugar de escola e as condições do ensino remoto emergencial., *Práxis Educativa*, 15(2016303), 1-15. <http://educa.fcc.org.br/pdf/praxeduc/v15/1809-4309-praxeduc-15-e2016303.pdf>.

Souza, I. S. de., & Morais, S. J. de. (2022). Implicações do distanciamento social na rotina de crianças com o Transtorno do Espectro Autista e seus familiares mediante cenário de pandemia causada pela COVID-19 [Trabalho de Conclusão de Curso (bacharel em psicologia) - Centro Universitário Bacharelado em Psicologia - UniAGES].

<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/26033/1/TCC%20SOLANGE%20MORAIS%20E%20ISAMAEL%20SANTOS.pdf>.

Vier, R. F. S. et al. (2020). A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e orientação psicológica em tempos pandêmicos: suas relações e desafios na educação. *Revista Práxis*, 12(1), 77-85. <https://revistas.unifoa.edu.br/praxis/article/view/3474/2706>.

Zanello, V. (2020). Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação - Valeska Zanello - Google Livros (1a). Editora Appris.

Contribuição das autoras: A.D.S.A.: Participou na orientação de toda a elaboração da pesquisa, contribuindo para a análise de dados, revisão e estruturação final. G.P.C.: Participou na elaboração da pesquisa, coleta e análise de dados, formatação e revisão final do texto. G.M.R.S.: Participou como colaboradora, auxiliando na elaboração, discussão, revisão e estruturação final da pesquisa. T.E.R.: Participou como colaboradora, auxiliando na elaboração, discussão, revisão e estruturação final da pesquisa.

Recebido em: 07/02/2024

Aceito em: 09/05/2024

Publicado em: 31/10/2024

Editor(a): Daniela Tonús